

UBIRACY LUCAS BARBOSA

A CONVERSÃO DE AGOSTINHO DE HIPONA:  
SEU SIGNIFICADO TEOLÓGICO-FILOSÓFICO

Brasília - 2012

UBIRACY LUCAS BARBOSA

A CONVERSÃO DE AGOSTINHO DE HIPONA:  
SEU SIGNIFICADO TEOLÓGICO-FILOSÓFICO

Monografia apresentada como exigência  
do curso de Licenciatura em Filosofia da  
UnB – Universidade de Brasília como  
requisito para obtenção

Orientador: Prof. Dr. Hubert Jean François Cormier

UnB – Universidade de Brasília

Instituto de Ciências Humanas – Departamento de Filosofia

Brasília – 2012

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha mãe, Maria das Neves, mulher determinada que sempre lutou por minha educação

## AGRADECIMENTOS

Minha gratidão a Deus, criador do céu e da terra, a ele o louvor e glória por ter aberto oportunidade de estudar numa instituição como UnB.

À Adriana Lucas esposa querida que de modo sábio e espírito tranquilo muito me auxiliou.

Ao professor Hubert Jean, meu orientador, que foi paciente e amigo.

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>2</b>
<b>PENSAMENTO FILOSÓFICO DE AGOSTINHO ANTES DA CONVERSÃO</b>	<b>3</b>
1. Os desencontros filosóficos de Agostinho	3
<b>A CONVERSÃO DE AGOSTINHO</b>	<b>8</b>
1. O sentido de conversão	8
1.1. A conversão no Antigo Testamento	8
1.2. A conversão no Novo Testamento	10
2. A influência de Ambrósio	12
3. A influência de Mônica	13
4. O momento da conversão (leitura de Romanos 13.13-14)	16
<b>O PENSAMENTO FILOSÓFICO DE AGOSTINHO DEPOIS DA CONVERSÃO</b>	<b>22</b>
1. Sua compreensão da verdade	22
2. A verdadeira sabedoria	25
3. O valor das Escrituras	29
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>31</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>33</b>

## INTRODUÇÃO

A conversão religiosa é um tema de interesse da teologia, filosofia da religião, psicologia da religião, ciência da religião, bem como das ciências sociais. A conversão é um fenômeno religioso que tem motivado muitas perguntas sobre fé, conhecimento e comportamento. Estudiosos tem se debruçado no intuito de compreender este acontecimento que se dá no íntimo dos seres humanos e se externaliza no modo de crer, pensar e agir.

De modo particular a conversão de Agostinho tem sido objeto de estudo de várias áreas do saber, isso porque há em Agostinho um tipo de conversão dramática e que ele mesmo narrou nas suas *confissões*. A conversão de Agostinho de Hipona é um ponto alto na história das grandes conversões cristãs.

Minha intenção neste trabalho é discutir como se deu a conversão deste filósofo ao cristianismo e quais mudanças filosóficas e teológicas se operaram nele após a conversão. Uma pergunta chave é se a conversão tem poder de mudar a forma de pensar e agir de uma pessoa. Minha resposta a esta pergunta é sim, na verdade esta ideia permeia este trabalho, ou seja, o indivíduo após passar pela experiência de conversão terá seus pensamentos, crenças e ações norteados pelos valores e livros sagrados daquela religião a qual se converteu.

No início do trabalho mostro os desencontros filosóficos do jovem Agostinho, sua decepção com os acadêmicos e também sua ilusão com o maniqueísmo, investigo sua passagem pelo neo-platonismo. O neo-platonismo continuou a influenciar o pensamento de Agostinho mesmo depois de sua conversão ao cristianismo. Em seguida toco algumas noções do sentido de conversão no Antigo Testamento e no Novo Testamento, isso porque, considero que uma compreensão bíblica da conversão é relevante para nosso estudo, levando em conta que o nosso protagonista converteu-se à fé bíblica.

Outro aspecto importante da conversão religiosa é que sempre há aquelas pessoas que contribuem para a concretização da conversão. No caso de Agostinho dois personagens são importantes, um deles é Ambrósio e o outro é Mônica, sua mãe. As orações de Mônica em favor de Agostinho são descritas como muita vivacidade nas confissões do bispo de Hipona.

Descrevo com detalhe o momento da conversão de Agostinho, usando suas próprias palavras para descrever momento tão especial que mudaria a vida do jovem africano. Após

descrever sua conversão apresento algumas áreas onde Agostinho sofre mudança relevante que são sua compreensão da verdade, da sabedoria e o valor que passa a dar às Escrituras.

## **PENSAMENTO FILOSÓFICO DE AGOSTINHO ANTES DA CONVERSÃO**

### **1. Os desencontros filosóficos de Agostinho**

Agostinho teve desencontros filosóficos em sua vida que contribuíram para que buscasse a verdadeira filosofia, seu próprio ponto de vista. Ficou desiludido com algumas filosofias. Ele se expressa assim: “Por muito tempo, asseguro-te, fixei os olhos sobre os astros que declinam no horizonte a induzirem-me ao erro. Pois uma espécie de escrúpulo supersticioso e pueril retinha meu espírito longe da investigação”.<sup>1</sup>

Agostinho narra sua decepção que teve com filósofos e com os acadêmicos: “Enfim, após ter discutido com eles, abandonei-os. Tendo percorrido aquele mar por muito tempo, entreguei em seguida o timão de meu barco aos acadêmicos. Foi ele então sacudido por toda espécie de ventos, em meio a vagalhões”.<sup>2</sup> Posteriormente Agostinho veio combater seriamente muitas destas filosofias.

O bispo de Hipona só veio encontrar direção e certeza na Escritura Sagrada, pois os outros lugares são ‘astros que declinam’. É claro que ele não desprezou a filosofia após sua conversão, no entanto a colocou no lugar de submissão à Escritura.<sup>3</sup>

### **O maniqueísmo**

Quero aqui apenas apontar de modo breve por onde Agostinho ‘andou’ antes de sua conversão. Não se objetiva aqui fazer uma exposição do maniqueísmo, mas somente explicitar esta filosofia de modo breve.

---

<sup>1</sup> Santo Agostinho, **Soliloquios e A Vida Feliz**, 2 ed. São Paulo: Paulus, 1998, p. 120.

<sup>2</sup> Santo Agostinho, **Soliloquios e A Vida Feliz**, p. 121.

<sup>3</sup> Um dado importante na história da filosofia e da teologia é que a filosofia foi considerada na idade média como serva da teologia.

O jovem Agostinho teve contato com o maniqueísmo, doutrina que o seduziu e que por um bom tempo foi a sua ‘religião’.

Mani foi o fundador do maniqueísmo “Na Mesopotâmia, Mani havia recebido uma mensagem inspirada e, no ano 276, fora executado pelo governo persa”.<sup>4</sup> O maniqueísmo se espalhou, Peter Brown narra que no século VIII “existia um Estado maniqueísta na fronteira com o império chinês. (...) Alguns dos mais reveladores documentos maniqueístas descobertos foram escritos em chinês”.<sup>5</sup>

Mani acreditava ter recebido revelação direta de Deus e isto foi passado aos missionários. “Os missionários maniqueístas haviam recebido de seu fundador uma revelação direta da verdadeira natureza de Deus, do homem e do universo registradas em grandes livros (...). Mani os havia despachado mundo afora para que fundassem a única Igreja verdadeiramente universal. Só eles poderiam ensinar uma sabedoria que combinava e transcendia as intuições parciais e descuidadas de todas as ‘seitas’ anteriores – dos evangelistas cristãos, no mundo romano, de Zoroastro, na Pérsia, e de Buda, na Ásia central”.<sup>6</sup>

Étienne Gilson nos ajuda a compreender melhor o maniqueísmo, “Segundo a doutrina de Mani, Deus é luz, ou seja, uma substância corporal, brilhante e muito tênue. Essa mesma substância, depois de ter resplandecido em Deus, brilha nos astros, luz em nossa alma e luta contra as trevas sobre a terra”.<sup>7</sup>

Agostinho participou do Maniqueísmo por cerca de nove anos. “Os maniqueus eram uma pequena seita de reputação sinistra. Eram ilegais e, mais tarde, seriam selvagememente perseguidos. Tinham a aura de uma sociedade secreta: nas cidades estrangeiras, só se hospedavam na casa de membros de sua própria seita; seus líderes viajavam por uma rede de ‘células’ espalhadas por todo mundo romano. Os pagãos viam-nos com horror, os cristãos ortodoxos, com temor e ódio”.<sup>8</sup>

---

<sup>4</sup> Peter Brown. **Santo Agostinho, uma biografia**. 6º ed. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 52.

<sup>5</sup> IDEM, **Santo Agostinho, uma biografia**, p. 53.

<sup>6</sup> Peter Brown. **Santo Agostinho, uma biografia**. 6º ed. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 53.

<sup>7</sup> Étienne Gilson. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**, p. 357.

<sup>8</sup> Op. cit. **Santo Agostinho, uma biografia**, p. 57.



O que atraiu de modo muito forte Agostinho ao maniqueísmo foi sua resposta à pergunta do jovem Agostinho: “Qual é a causa de praticarmos o mal?”.<sup>9</sup> Agostinho foi expulso de casa por sua mãe Mônica por ter abraçado o maniqueísmo.<sup>10</sup>

Os maniqueus eram dualistas, ou seja, acreditavam que no universo há duas forças, bem e mal, luz e trevas que tem o mesmo poder e vivem a lutar entre si. Eles estavam convencidos

de que o mal não podia provir de um Deus bom, que acreditavam ser ele proveniente de uma invasão do bem – o ‘Reino da Luz’ – por uma força ou demônio hostil, de poder igual, eterno e totalmente distinto: o ‘Reino das Trevas’. ‘A primeira coisa que o homem deve fazer, dizia o catecismo maniqueísta chinês, é distinguir os Dois Princípios (o Bem e o Mal). Aquele que deseja ingressar em nossa religião deve saber que os Dois Princípios tem naturezas absolutamente distintas: como pode quem não traz viva em si essa distinção pôr em prática a doutrina?’.<sup>11</sup>

Étienne Gilson esclarece ainda mais esta doutrina quando afirma que “Mani ensinava a existência de dois princípios das coisas, igualmente eternos e perpetuamente opostos: a Luz e as Trevas. A Luz é essencialmente idêntica a Deus; ao contrário, as Trevas são o mal; e a história do mundo é a história da luta travada entre esses dois princípios”.<sup>12</sup>

Os maniqueus rejeitavam o Deus do Velho Testamento “No maniqueísmo, o severo Jeová dos judeus era rejeitado como um demônio maléfico e os patriarcas, como velhos sórdidos”.<sup>13</sup> Hoje existem aqueles que ainda tem esta mesma concepção do Deus do Antigo Testamento, evidentemente esta é uma ideia errada, pois o Deus do Antigo Testamento é o mesmo do Novo Testamento.

Posteriormente Agostinho abandonou o maniqueísmo, pois viu que esta doutrina o distanciava da verdade.

## O neo-platonismo

---

<sup>9</sup> Op. cit. **Santo Agostinho, uma biografia**, p. 57.

<sup>10</sup> Op. cit. **Santo Agostinho, uma biografia**, p. 64.

<sup>11</sup> Op. cit. **Santo Agostinho, uma biografia**, p. 58.

<sup>12</sup> Étienne Gilson. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**, p. 435.

<sup>13</sup> Peter Brown. **Santo Agostinho, uma biografia**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 60ss.

Ao falar deste assunto objetiva-se oferecer apenas uma noção do que seja o neo-platonismo, pois este é um assunto de grande importância para filosofia e ao mesmo tema profundo. Portanto, pretende-se ao falar do neo-platonismo oferecer uma noção apenas.

O neo-platonismo foi outra doutrina que influenciou fortemente Agostinho, na verdade mesmo depois de sua conversão, encontramos indícios da força do neo-platonismo nos seus escritos.

Um dos grandes nomes desta corrente filosófica é Plotino, homem que Agostinho leu com frequência. Peter Brown escrevendo sobre Plotino faz seguinte observação, deste que é um dos principais expoentes do neo-platonismo:

O universo de Plotino, portanto, tinha um centro que a mente mal conseguia tocar: ‘tudo flui, por assim dizer, de uma só fonte, que não se deve conceber como um sopro ou um calor, mas como uma qualidade que engloba e salvaguarda todas as qualidades – a doçura com a fragrância, a qualidade do vinho e os sabores de tudo o que se pode provar, todas as cores visíveis, tudo o que o tato conhece, tudo o que o ouvido pode escutar, todas as melodias, todos os ritmos’. O que vemos à nossa volta seria uma comunicação desintegrada dessa concentração do todo. É como se um artista, confrontado com a execução de um único tema, perdesse sua ‘segurança’: ele se tornaria cada vez mais difuso, mas literal; a intensidade inicial desapareceria. A visão ter-se-ia dispersado, mas era justamente a visão que ele se esforçara por transmitir.

O sentimento pungente de que o homem comum, preso ao mundo óbvio dos sentidos, move-se na penumbra e de que o saber que ele afirma possuir é meramente o estado obscuro e derradeiro de uma progressão inelutável de estágios decadentes de consciência é a marca da visão plotiniana do universo. No entanto, esses estágios decadentes tem uma estreita relação entre si: cada qual depende de um estágio ‘superior’, pois esse estágio ‘superior’ lhe é fundamental como fonte de sua consciência. O estágio ‘inferior’ é diferente de seu predecessor. Não pode ‘conhecê-lo’ do mesmo modo que um homem de raciocínio literal nunca é realmente capaz de apreender o pensamento de um homem intuitivo. Instintivamente, porém, cada estágio procura completar-se, ‘tocando’ em seu superior, fonte alheia mas aparentada de sua própria consciência. Assim, a difusão exteriorizante do Um coincide com um esforço contínuo de todas as partes para ‘retornar’ à fonte de sua consciência. Esse esforço de completude é o que vincula diretamente o Um a cada manifestação de sua intensidade e, sobretudo para Plotino e seu discípulo Agostinho, à mente humana que anseia por se completar.

É essa. Em termos sucintos, a doutrina neoplatônica a ‘*procissão*’ para fora, e de seu corolário, o ‘*voltar-se*’ para dentro. Essa era uma ideia tão básica para o pensamento da época de Agostinho quanto é, para nossa, a ideia de evolução. Ela unia pensadores pagãos e cristãos num único horizonte de ideias. Para Plotino, o intelecto era um Princípio Mediador de suprema importância: ao ‘tocar’ no Um, ele se voltava para fora, ao mesmo tempo, como fonte do Muitos.<sup>14</sup>

O contato de Agostinho com os livros platônicos “levou Agostinho a uma ‘conversão’ final e definitiva de uma carreira literária para uma vida ‘na filosofia’. Era fatal que essa conversão lhe afetasse a vida pública e privada”.<sup>15</sup>

Étienne Gilson vem nos ajudar a compreender melhor Plotino, pois se tratando do Uno, Plotino não chega a conceber o Uno pois na filosofia deste autor o Uno é inefável. “Por outro lado, seria inexato dizer que Plotino concebia o Uno como uma essência, uma vez que para ele, como o Bem de Platão, o Uno se colocaria além da essência e do ser. Contudo, quando Plotino fala sobre a origem radical das coisas, tudo se passa como se o Uno engendrasse o restante, em virtude da perfeição de sua essência, que não difere daquela do Bem da República de Platão”.<sup>16</sup>

Ora, o Uno produz a inteligência suprema e todo o restante com ela. A pergunta que se faz é se esta produção é livre. Gilson responde dizendo que a “liberdade do Uno é apenas outro nome de sua transcendência. Guardemo-nos, portanto, de transformá-la numa liberdade de ação e de escolha. Ademais como escolheria? A escolha é uma opção possibilitada pelo conhecimento que um ser tem de outros seres. Ora, o Uno é anterior ao ser e ao conhecimento”.<sup>17</sup>

Por fim Agostinho encontra o porto seguro:

Finalmente, vim aportar nestas terras. Aqui aprendi a reconhecer a estrela polar, (...), na qual pude confiar. Efetivamente, observei com frequência, nos sermões de nosso bispo e também em algumas conversas contigo, ó Teodoro, que da idéia de Deus deve ser excluída, absolutamente qualquer imagem material.<sup>18</sup>

---

<sup>14</sup> Peter Brown. **Santo Agostinho, uma biografia**. 6º ed. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 116.

<sup>15</sup> Peter Brown. **Santo Agostinho, uma biografia**. 6º ed. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 123.

<sup>16</sup> Étienne Gilson. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**, p. 378.

<sup>17</sup> Étienne Gilson. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**, p. 378.

<sup>18</sup> Santo Agostinho, **Soliloquios e A Vida Feliz**, 2 ed. São Paulo: Paulus, 1998, p. 121.

É claro que Agostinho não despreza a verdadeira filosofia que tem como seu centro o Deus criador e doador de todo conhecimento, seja ele divino ou humano, espiritual ou material, religioso ou científico. ‘Reconhecer a estrela polar’ nos sermões de Ambrósio, eis a grande descoberta de Agostinho, queria encontrar a verdade, sua busca da verdade é constante e pôde encontrá-la na pregação da Palavra de Deus.

## A CONVERSÃO DE AGOSTINHO

### 1. O sentido de conversão

A conversão no cristianismo é a orientação da nossa vontade para nosso verdadeiro bem que é Deus. A conversão é um retorno da criatura ao seu criador, é um quebrantamento interno, uma rendição a Deus. Nas palavras de James Buchanan (1804-1870) a conversão “consiste em um pecador ser levado, verdadeira, inteligente e sinceramente a unir-se e sujeitar-se à vontade revelada de Deus no que diz respeito à sua salvação”.<sup>19</sup>

A conversão envolve uma mudança da mente, coração e vontade, é uma completa rendição do ser a Deus, uma mudança no pensamento, na fala e comportamento, incluindo aí mudança dos hábitos.

#### 1.1. A conversão no Antigo Testamento

O Antigo Testamento emprega basicamente duas palavras para conversão. *Nacham*, é uma delas e designa arrependimento.

נָחַם (shûb) é o verbo hebraico que significa “girar”, “voltar”, “volver”, “retornar”, “converter”, ocorre cerca de 1050 vezes no Antigo Testamento e “aparece cerca de 120 vezes com o sentido especificamente teológico”.<sup>20</sup> A ideia principal é que o ser humano abandona o mal e volte todo o seu ser a Deus.

Shub “Muitas vezes foi utilizado num sentido literal, tanto com relação a Deus como com relação ao homem, mas logo adquiriu uma significação religiosa e ética. Este sentido é mais

---

<sup>19</sup> James Buchanan. Novo Nascimento, Arrependimento e fé. In: **Fé para Hoje**. Editora Fiel, São José dos Campos: 2008, p. 22

<sup>20</sup> Lothar Coenen e Colin Brown, **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 416.

proeminente nos profetas, onde se refere ao retorno de Israel ao Senhor, depois de ter-se apartado dele. A palavra mostra claramente que aquilo que o Antigo Testamento denomina conversão é uma volta para Deus, de quem o pecado separou o homem”.<sup>21</sup> Abaixo passagens bíblicas do Antigo Testamento que traz o ensinamento sobre conversão.

se deres ouvidos à voz do SENHOR, teu Deus, guardando os seus mandamentos e os seus estatutos, escritos neste Livro da Lei, se te converteres (תשוב) ao SENHOR, teu Deus, de todo o teu coração e de toda a tua alma (deuteronômio 30.10).

Se te converteres (תשוב) ao Todo-Poderoso, serás restabelecido; se afastares a injustiça da tua tenda (Jô 22.23).

Se voltares (תשוב), ó Israel, diz o SENHOR, volta (תשוב) para mim; se removeres as tuas abominações de diante de mim, não mais andarás vagueando (Jeremias 4.1).

e a tal nação se converter (וְשָׁב) da maldade contra a qual eu falei, também eu me arrependerei do mal que pensava fazer-lhe (Jeremias 18.8).

Bem ouvi que Efraim se queixava, dizendo: Castigaste-me, e fui castigado como novilho ainda não domado; converte-me (הַשִּׁיבֵנִי) e serei convertido (וְאָשׁוּבָה), porque tu és o SENHOR, meu Deus (Jeremias 31.18).

converte-te (תשוב) a teu Deus, guarda o amor e o juízo e no teu Deus espera sempre (Oséias 12.6).

Desde os dias de vossos pais, vos desviastes dos meus estatutos e não os guardastes; tornai-vos para mim (וְאָשׁוּבָה לִי), e eu me tornarei para vós outros, diz o SENHOR dos Exércitos; mas vós dizeis: Em que havemos de tornar? (Malaquias 3.7).

Esses versos ensinam que a conversão é uma necessidade fundamental para que o ser humano goze de uma relação de amor e comunhão com Deus. Ensinam também que o ser

---

<sup>21</sup> Louis Berkhof, **Teologia Sistemática**. São Paulo: Cultura Cristã, 1990, p. 443.

humano deve se converter, no entanto, o agente desta conversão é Deus. É o Senhor Deus que realiza no coração do ser humano este mistério profundo da conversão.

## 1.2. A conversão no Novo Testamento

Há três palavras gregas no Novo Testamento para designar conversão: *metanoia*, *metamélomai* e *epistrepho*. *Metanoia* tem o sentido de mudança de mente e *metamélomai* o de mudança de sentimento. Já *epistrepho* compreende os dois sentidos numa só palavra.

*Metanoia* é traduzida no NT como arrependimento, tem o sentido de abandono do pecado, de voltar-se contra o mal e por outro lado *epistrepho* tem o sentido de voltar-se a Deus.

**ἐπιστρέφει** (*epistrephe*) “voltar”, “voltar-se”, “voltar atrás”, “retornar”, “ser convertido”. A palavra *epistrepho* é formada por uma preposição (*epi* – **ἐπι**) que significa sobre, em, junto, contra, em direção de, perante. *Epi* tem o sentido de intensidade, adição, acréscimo, completamento, sucessão, reciprocção, posicionamento, relação; e um verbo (*strephe* -**στρέφω**) que significa voltar, mudar, afastar-se. Daí a palavra converter ter a idéia de um retorno completo, inteiro, pleno para Deus. Uma pessoa convertida a Deus é uma pessoa que entregou todo o seu ser ao Criador e supremo Deus.

Abaixo passagens bíblicas do Novo Testamento onde ocorre ensinamento sobre conversão com a palavra ‘epistrefo’.

Porque o coração deste povo está endurecido, de mau grado ouviram com os ouvidos e fecharam os olhos; para não suceder que vejam com os olhos, ouçam com os ouvidos, entendam com o coração, se convertam (**ἐπιστρέψωσιν**) e sejam por mim curados (Mt 13.15).

para que, vendo, vejam e não percebam; e, ouvindo, ouçam e não entendam; para que não venham a converter-se (**ἐπιστρέψωσιν**), e haja perdão para eles (Mc 4.12).

E converterá (**ἐπιστρέψει**) muitos dos filhos de Israel ao Senhor, seu Deus. E irá adiante do Senhor no espírito e poder de Elias, para converter (**ἐπιστρέψαι**) o coração dos pais aos filhos, converter os desobedientes à prudência dos justos e habilitar para o Senhor um povo preparado. (Lc 1.16-17).

Eu, porém, roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; tu, pois, quando te converteres (**ἐπιστρέψας**), fortalece os teus irmãos (Lc 22.32).

Arrependei-vos, pois, e convertei-vos (**ἐπιστρέψατε**) para serem cancelados os vossos pecados (At 3.19).

Viram-no todos os habitantes de Lida e Saroná, os quais se converteram (**ἐπέστρεψαν**) ao Senhor (At 9.35)

A mão do Senhor estava com eles, e muitos, crendo, se converteram (**ἐπέστρεψεν**) ao Senhor (At 11.21).

Senhores, por que fazeis isto? Nós também somos homens como vós, sujeitos aos mesmos sentimentos, e vos anunciamos o evangelho para que destas coisas vós vos convertais (**ἐπιστρέφειν**) ao Deus vivo, que fez o céu, a terra, o mar e tudo o que há neles (At 14.15).

Enviados, pois, e até certo ponto acompanhados pela igreja, atravessaram as províncias da Fenícia e Samaria e, narrando a conversão (**ἐπιστροφὴν**) dos gentios, causaram grande alegria a todos os irmãos (At 15.3). Aqui aparece um substantivo e não um verbo.

Pelo que, julgo eu, não devemos perturbar aqueles que, dentre os gentios, se convertem (**ἐπιστρέφουσιν**) a Deus (At 15.19).

para lhes abrires os olhos e os converteres (**ἐπιστρέψαι**) das trevas para a luz e da potestade de Satanás para Deus, a fim de que recebam eles remissão de pecados e herança entre os que são santificados pela fé em mim, mas anunciei primeiramente aos de Damasco e em Jerusalém, por toda a região da Judéia, e aos gentios, que se arrependessem e se convertessem (**ἐπιστρέφειν**) a Deus, praticando obras dignas de arrependimento (At 26.18,20).

Porquanto o coração deste povo se tornou endurecido; com os ouvidos ouviram tardiamente e fecharam os olhos, para que jamais vejam com os olhos, nem ouçam com os ouvidos, para que não entendam com o coração, e se convertam (**ἐπιστρέψωσιν**), e por mim sejam curados (At 28.27).

Quando, porém, algum deles se converte (**ἐπιστρέψῃ**) ao Senhor, o véu lhe é retirado (2Co 3.16).

pois eles mesmos, no tocante a nós, proclamam que repercussão teve o nosso ingresso no vosso meio, e como, deixando os ídolos, vos convertestes (**ἐπεστρέψατε**) a Deus, para servirdes o Deus vivo e verdadeiro (1Ts 1.9).

Meus irmãos, se algum entre vós se desviar da verdade, e alguém o converter (**ἐπιστρέψῃ**), sabe que aquele que converte (**ἐπιστρέψας**) o pecador do seu caminho errado salvará da morte a alma dele e cobrirá multidão de pecados (Tg 5.19-20).

Porque estáveis desgarrados como ovelhas; agora, porém, vos convertestes (**ἐπεστράφητε**) ao Pastor e Bispo da vossa alma (1Pe 2.25).

A palavra **μετάνοια** (*metanoia*) tem o sentido de “mudança de opinião”, “arrependimento”, “conversão”. Abaixo passagens onde ocorre a palavra metanoia.

Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento (**μετανοίας**)(Mt 3.8)

apareceu João Batista no deserto, pregando batismo de arrependimento (**μετανοίας**) para remissão de pecados.

Digo-vos que, assim, haverá maior júbilo no céu por um pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento (**μετανοίας**) (Lc 15.7).

mas anunciei primeiramente aos de Damasco e em Jerusalém, por toda a região da Judéia, e aos gentios, que se arrependessem (**μετανοεῖν**) e se convertessem (**ἐπιστρέφειν**) a Deus, praticando obras dignas de arrependimento (**μετανοίας**) (At 26.20).

## 2. A influência de Ambrósio

Ambrósio exerceu grande influência em Agostinho e podemos perceber em suas palavras nas Confissões o respeito que Agostinho tinha por Ambrósio:

Chegando em Milão, fui visitar o Bispo Ambrósio, conhecido pelas suas qualidades em toda a terra e vosso piedoso servidor, cuja eloquência zelosamente servia ao vosso



povo ‘a fina flor do vosso trigo, a alegria do azeite de oliveira e a sóbria embriaguez do vinho’. Vós me leváveis a Ambrósio, seu eu o saber, para ser por ele conscientemente levado a Vós.

Este homem de Deus recebe-me paternalmente e apreciou a minha vida bastante episcopalmente. Comecei a amá-lo, ao princípio não como mestre da verdade – pois jamais esperava encontrá-la na vossa Igreja – mas como um homem benigno para mim.

Ardorosamente o ouvia quando pregava ao povo, não com o espírito que convinha, mas como que a sondar a sua eloquência para ver se correspondia à fama, ou se realmente se exagerava ou diminuía a sua reputação oratória. Estava suspenso das suas palavras, extasiado, porém indiferente e até mofando do que ele dizia. Deleitava-me com a suavidade do discurso, bem mais erudito do que o de Fausto, porém menos humorístico e sedutor na apresentação. Pelo que se refere ao assunto, não se podem comparar, pois um vagabundeava pelos enganos dos maniqueístas, e o outro ensinava com a máxima segurança a salvação.

Mas ‘dos pecadores’, tal qual eu era nesse tempo, ‘está longe a salvação’. Todavia, insensivelmente e sem o saber, me ia aproximando dela.<sup>22</sup>

Agostinho via Ambrósio com maior frequência na igreja, aos domingos e deleitava-se com os sermões do bispo. Ambrósio era conhecido também como um homem de ação, no entanto, Peter Brown afirma que Agostinho estava destinado a ser influenciado por Ambrósio na parte oposta ao homem de ação.<sup>23</sup>

O velho bispo Ambrósio impactou Agostinho, Peter Brown faz a seguinte declaração, “Ambrósio impressionou Agostinho, inicialmente, por se capaz de defender o Velho Testamento das críticas maniqueístas”.<sup>24</sup> E ainda: “A influência de Ambrósio em Agostinho foi sumamente desproporcional a qualquer contato direto que pudesse ter havido entre os dois”.<sup>25</sup>

### 3. A influência de Mônica

---

<sup>22</sup> Santo Agostinho. **Confissões**, V, xiii, 23

<sup>23</sup> Peter Brown. **Santo Agostinho, uma biografia**. 6º ed. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 98ss.

<sup>24</sup> Op. cit, **Santo Agostinho, uma biografia**, p. 100.

<sup>25</sup> Op. cit, **Santo Agostinho, uma biografia**, p. 102.

Mônica teve grande influência na vida de Agostinho, ela orava por ele com frequência na esperança de que Deus o trouxesse para fé cristã. Em sua obra principal *confissões* Agostinho relembra sua vida íntima “e essa vida íntima era dominada por uma figura – sua mãe, Mônica”.<sup>26</sup>

Agostinho fala sobre as orações de Mônica a seu favor:

Foi por tuas preces – sei disso e o admito sem hesitação – que Deus me concedeu a ideia de situar a descoberta da Verdade acima de tudo, de não ambicionar nada mais, não pensar noutra coisa, não amar nada senão a ela. E nunca deixei de acreditar que hão de ser tuas preces que nos permitirão atingir tão grande bem.<sup>27</sup>

Mônica era uma mulher marcante, uma verdadeira ‘serva de Deus’, tinha bom testemunho, “Vez por outra, vislumbramos uma mulher autenticamente impressionante – exatamente o que o seu filho gostaria de ser quando bispo: contida, digna, alheia aos mexericos, uma pacificadora firme entre os conhecidos e, tal como o filho, capaz de sarcasmo eficaz”.<sup>28</sup>

Mônica nutria por Agostinho um amor ‘devorador’ conforme Peter Brown registra em seu livro, no entanto “ela sempre tivera razão; fora a voz de Deus em sua primeira infância, e ele nunca havia conseguido dizer-lhe uma palavra ríspida – nem mesmo quando ela o expulsou de casa, na época em que ele se tornou um herege maniqueu, ou quando, em decorrência dos arranjos de Mônica, viu-se obrigado a se afastar de uma mulher com quem vivera durante quinze anos”.<sup>29</sup>

Agostinho demonstra nestas palavras nas *Confissões* a influência espiritual que Mônica exercia nele “Tinha eu verdadeira fé, como todos os de casa, exceto meu pai, mas ele não pôde cancelar em mim os direitos de devoção de minha mãe (...) pois ela desejava ardentemente que Vós meu Deus, fôsseis meu pai, e não ele (...)”.<sup>30</sup>

Mônica tinha grande preocupação com o filho Agostinho, no sentido de que não se desviasse do caminho da fé. Ela participava dos diálogos filosóficos entre o filho e os seus

---

<sup>26</sup> Op. cit, **Santo Agostinho, uma biografia**, p. 34.

<sup>27</sup> Op. cit, **Santo Agostinho, uma biografia**, p. 132.

<sup>28</sup> Peter Brown. **Santo Agostinho, uma biografia**. 6º ed. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 34.

<sup>29</sup> Op. cit, **Santo Agostinho, uma biografia**, p. 35.

<sup>30</sup> Santo Agostinho. **Confissões**, I, X, 17 (Cf também Peter Brown. **Santo Agostinho, uma biografia**. 6º ed. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 36).

amigos. Trabalhou para que Agostinho abandonasse a concubina e arranhou um casamento com uma moça de família abastada. A mãe estava assim, sempre envolvida com a vida do filho.

### A morte de Mônica

A morte de Mônica trouxe grande sofrimento e dor, sua morte foi até certo ponto muito rápida:

Depois de seu batismo, Agostinho decidiu retornar à África com sua mãe, seu filho e alguns amigos para estabelecer um retiro monástico, para o estudo do cristianismo e com devoção ascética. Pretendiam viajar de Milão até o porto romano de Óstia, onde poderiam atravessar para Cartago. Contudo, a guerra civil entre Teodósio (o imperador romano) e Máximo (general do exército romano na Gália e Britânia), estava feroz e Máximo havia ordenado um bloqueio naval aos portos romanos. Por isso, os planos de Agostinho e seu grupo foram adiados e tiveram que permanecer em Óstia. Enquanto aguardavam travessia para Cartago, Mônica ficou doente com febre e nove dias depois faleceu.<sup>31</sup>

Peter Brown diz que “Nos nove dias de sua doença, ela se retraiu por inteiro em si mesma; emergiu apenas para abençoar os filhos, para dizer a Agostinho que em toda a sua vida nunca ouvira dele uma palavra áspera, e para dizer a Navígio que já não se importava em não ser enterrada ao lado de Patrício, em sua terra natal”.<sup>32</sup>

A morte de Mônica trouxe grande dor ao coração de Agostinho. Sua dor é narrada nas *Confissões* de modo tão verdadeiro e tocante.

Fechei-lhe os olhos e apoderou-se-me da alma uma tristeza imensa, que se desfazia em torrentes de lágrimas. Mas, ao mesmo tempo, os meus olhos, sob o império violento da vontade, absorviam essa fonte até secarem. Oh! Como foi angustiosa para mim a luta!

Quando exalou o último suspiro, Adeodato, meu filho, rebentou em pranto. Mas, instado por todos nós, calou-se: deste modo a sua voz juvenil, voz do coração, também reprimiu e calou em mim esta espécie de emoção pueril que se expandia em choro. Parecia-nos que não ficava bem celebrar-lhe os funerais com pranto, lamentações e gemidos, porque essas demonstrações servem de ordinário para deplorar a infelicidade dos mortos ou o seu completo desaparecimento. A morte de

---

<sup>31</sup> John R. Franke, **Agostinho: a formação de um líder**, texto digital.

<sup>32</sup> Peter Brown. **Santo Agostinho, uma biografia**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 158.

minha mãe, pelo contrário, não foi infeliz nem total. Sabíamos-lo pelo testemunho dos seus costumes, ‘pela sinceridade da sua fé’ e por outras razões inequívocas.<sup>33</sup>

#### 4. O momento da conversão (leitura de Romanos 13.13-14)

Agostinho passou por momentos de crise antes de experimentar a doce paz de Deus proveniente da conversão. “Quando, por uma análise profunda, arranquei do mais íntimo toda minha miséria e a reuni perante a vista do meu coração, levantou-se enorme tempestade que arrastou consigo uma chuva torrencial de lágrimas”.<sup>34</sup>

Agostinho enfrentava suas misérias e corre para debaixo de uma figueira e chora abundantemente. Lá faz várias perguntas a Deus do tipo “por que o termo das minhas torpezas não há de vir já, nesta hora”?<sup>35</sup> Esta conversa que Agostinho tem com Deus é cheia de choro e dor no coração, porém, “de súbito, ouço uma voz vinda da casa próxima. Não sei se era de menino, se de menina. Cantava e repetia freqüentes vezes: *‘Toma e lê; toma e lê’*”.<sup>36</sup>

Com essas palavras Agostinho fica convencido que Deus estava guiando-o à leitura da Bíblia, volta onde havia deixado Alípio e faz a leitura do primeiro capítulo em que põe os olhos e o que ler são as palavras poderosas que o converteu a Deus: “Não caminheis em glotonarias e embriaguez, nem em desonestidades e dissoluções, nem em contendas e rixas; mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não procureis a satisfação da carne com seus apetites”.<sup>37</sup>

Estas palavras estão registradas na Epístola aos Romanos 13.13-14 e foram estas palavras que Deus usou para operar a conversão em Agostinho e que mais tarde veio a ser um dos grandes gigantes da fé cristã.

---

<sup>33</sup> Santo Agostinho. **Confissões**, IX, xii, 29.

<sup>34</sup> Santo Agostinho, **Confissões**, São Paulo: Nova Cultural, 1999, p. 222.

<sup>35</sup> Op. cit, **Confissões**, p. 222.

<sup>36</sup> Op. cit, **Confissões**, p. 222ss.

<sup>37</sup> Op. cit, **Confissões**, p. 223.

O próprio Agostinho narra que depois de ler Romanos 13.13-14 uma luz serena penetrou-lhe o coração e todas as trevas da dúvida fugiram.<sup>38</sup> Agostinho conta o ocorrido para Alípio e sua mãe e eles se regozijam muito. Quando a conversão chegou, tudo muda em Agostinho, “De tal forma me convertestes a Vós que eu já não procurava esposa, nem esperança alguma do século, mas permanecia firme naquela regra de fé em que tantos anos antes me tínheis mostrado a minha mãe”.<sup>39</sup>

No livro *A ordem* I,VIII,23 Agostinho define o que é conversão: “De que coisas você acha que pedimos para nos convertermos a Deus e vermos a sua face, senão de uma certa sujeira e mesquinhas do corpo e igualmente das trevas em que o erro nos envolve? E que outra coisa significa converter-se senão levantar-se da imoderação dos vícios pela virtude e temperança? E que outra coisa é a face de Deus senão a própria verdade pela qual suspiramos e à qual nos entregamos como à amada adornada de enfeites”?<sup>40</sup>

Agostinho pôde após a conversão contemplar a beleza de Deus, ele fala de maneira tão poética e radiante:

Tarde te amei, ó beleza tão antiga e tão nova! Tarde demais eu te amei! Eis que habitavas dentro de mim e eu te procurava do lado de fora! Eu, disforme, lançava-me sobre as belas formas de tuas criaturas. Estavas comigo, mas eu não estava contigo. Retinham-me longe de ti as tuas criaturas, que não existiriam se em ti não existissem. Tu me chamaste, e teu grito rompeu a minha surdez. Fulguraste e brilhaste e tua luz afugentou minha cegueira. Espargiste tua fragrância e, respirando-a, suspirei por ti. Eu te saboreei, e agora tenho fome e sede de ti. Tu me tocaste, e agora estou ardendo no desejo de tua paz.<sup>41</sup>

A conversão de Agostinho se deu no mês de agosto<sup>42</sup> em 386 na cidade de Milão, ele tinha, portanto 32 anos. As palavras de Peter Brown são pertinentes aqui: “longe de ser um libertino que alguns autores imaginaram, convertido aos 32 anos após uma vida de irrefreada

---

<sup>38</sup> Op. cit, **Confissões**, p. 223.

<sup>39</sup> Santo Agostinho, **Confissões**, São Paulo: Nova Cultural, 1999, p. 224.

<sup>40</sup> Santo Agostinho, **Contra os acadêmicos, A ordem, A grandeza da alma, O mestre**, São Paulo: Paulus, 2008, p. 181.

<sup>41</sup> Santo Agostinho, **Confissões**, (X, 27).

<sup>42</sup> Peter Brown. **Santo Agostinho, uma biografia**. 6º ed. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 90.

sensualidade, Agostinho foi, na verdade, um jovem que abreviou perigosamente a ebulição de sua adolescência”.<sup>43</sup>

O batismo de Agostinho foi realizado em Milão por Ambrósio na noite de 24-25 de abril de 387. “Na condição de *competentes*, Agostinho deve ter recebido instruções solenes do próprio Ambrósio. Este nunca se furtava a dirigir essa iniciação momentosa (...).<sup>44</sup>

Peter Brown observa que “nas *Confissões* temos as palavras autênticas de um convertido: ‘Mal duravam os dias o bastante para eu meditar e me deleitar esplendidamente em meditar sobre a profundidade de Vossos planos para a salvação da humanidade. Quanto não chorei ante a beleza de Vossos hinos e cânticos e quanto não me comovi ao ouvi-los ressoarem maviosamente em Vossa igreja! Essas vozes fluíam-me para os ouvidos e com a verdade orvalhavam meu coração, donde transbordava meu sentimento de fé, e as lágrimas corriam-me dos olhos, mas nelas eu me sentia feliz’”.<sup>45</sup>

### *Conversão e livre-arbítrio*

Um problema de difícil solução é a relação entre conversão e livre-arbítrio, ou seja, como a conversão opera na vontade, ou colocado de outra forma, como o livre-arbítrio se rende a conversão.

Etienne Gilson de modo muito elucidador faz a seguinte observação entre liberdade, graça e livre-arbítrio:

Duas condições são exigidas para fazer o bem: um dom de Deus que é a graça e o livre-arbítrio. Sem o livre-arbítrio não haveria problemas; sem a graça, o livre-arbítrio (...) não quereria o bem ou, se o quisesse, não conseguiria realizá-lo. A graça, portanto, não tem o efeito de suprimir a vontade, mas sim de torná-la boa, pois ela se transformara em má. Esse poder de usar bem o livre-arbítrio é precisamente a liberdade. A possibilidade de fazer o mal é inseparável do livre-arbítrio, mas o poder de não fazê-lo é a marca da liberdade. E o fato de alguém se encontrar confirmado na graça, a ponto de não poder mais fazer o mal, é o grau supremo da liberdade. Assim, o homem que estiver mais completamente dominado pela graça de Cristo será também o mais livre.<sup>46</sup>

O ‘*liberum arbitrium*’ pode ser traduzido como ‘*livre decisão*’, sendo assim o *liberum arbitrium* é uma determinação da vontade. No pensamento agostiniano todos os movimentos

---

<sup>43</sup> Op. cit. **Santo Agostinho, uma biografia**, p. 45.

<sup>44</sup> Op. cit. **Santo Agostinho, uma biografia**. 6º ed. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 150.

<sup>45</sup> Op. cit. **Santo Agostinho, uma biografia**, p. 152. (Cf. também Santo Agostinho, **Confissões IX**, vi, 14).

<sup>46</sup> Étienne Gilson: In: Santo Agostinho. **O Livre-arbítrio**. São Paulo: Paulus, 1995, introdução.

da alma dependem da vontade.<sup>47</sup> E o amor é o motor íntimo da vontade, ora, se a vontade caracteriza o ser humano, logo o ser humano é movido por seu amor.<sup>48</sup>

O livre arbítrio é a vontade livre, isto é, livre para fazer o bem ou o mal. “Ora, para santo Agostinho, querer é usar o livre-arbítrio, cuja definição sempre se confunde com a de vontade”.<sup>49</sup>

A vontade tem a inclinação de sempre escolher o mal. “Se as ações dos homens não são sempre o que deveriam ser, sua vontade é a responsável. O homem escolhe livremente suas decisões e é por ser livre que é capaz de fazer o mal. A questão é, portanto, saber como um Deus perfeito pôde doar-nos o livre-arbítrio, ou seja, uma vontade capaz de fazer o mal”.<sup>50</sup>

Para a questão de se saber como um Deus perfeito pôde nos doar o livre-arbítrio, Gilson responde da seguinte maneira: “Tomada em si mesma, ela é boa [vontade], pois é aquilo sem o que ninguém poderia levar uma vida direta; portanto, ela nos vem de Deus e deveríamos reprovar aqueles que a usam mal, não aquele que a deu para nós”.<sup>51</sup>

A vontade é livre, isto significa que é livre para fazer o bem ou mau, nisto consiste precisamente o livre-arbítrio. Considerando que o livre-arbítrio é um presente divino, surge a questão se este não é um presente perigoso demais do ser humano receber. A resposta é que a vontade é “mestra de todas as coisas de que dispõe livremente, a vontade livre é igualmente mestra de si mesma. Logo, dela, e só dela, depende o mau uso do bem que ela é”.<sup>52</sup>

Pensando na origem do mal, Gilson nos dá uma preciosa contribuição:

Assim, não é na dificuldade do preceito nem em alguma insubordinação do corpo humano que se encontra a origem do mal, mas somente na vontade do homem e especialmente no seu orgulho. Por sua vez, o que é o orgulho senão o desejo de uma posição e de uma independência perversa? Querer elevar-se a uma dignidade que não é a sua: por parte do homem, foi essa

---

<sup>47</sup> Étienne Gilson. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**, p. 253.

<sup>48</sup> Étienne Gilson. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**, p. 257.

<sup>49</sup> Étienne Gilson. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**, p. 298ss.

<sup>50</sup> Étienne Gilson. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**, p. 276.

<sup>51</sup> Étienne Gilson. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**, p. 276.

<sup>52</sup> Étienne Gilson. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**, p. 277.

confiança em si mesmo que lhe fez desertar o princípio ao qual ele devia se apegar para se comprazer em si e, em certo sentido, para ser para si mesmo seu próprio princípio.<sup>53</sup>

Nas palavras de Gilson, a origem da queda do ser humano está nele mesmo, no fato dele querer sua autonomia, ou maioridade a parte de Deus. “Agostinho não pára de afirmar que o erro original foi um efeito do livre-arbítrio do homem e, portanto, deve ser imputado primeiramente à sua vontade (...) vemos plenamente o quanto era verdade dizer que Deus fez tudo bom e que o movimento que separou o homem de seu fim veio somente do próprio homem”.<sup>54</sup>

Ora, o ser humano não é capaz de ato bom? Segundo o agostinianismo o ser humano só é capaz de fazer por causa da graça divina. “Como Deus confere à natureza todo ser e toda operação, é ele que preserva no homem decaído o poder de executar quaisquer ações virtuosas; é dele, portanto, que chega ao homem todo bom uso do livre-arbítrio”.<sup>55</sup>

Se Deus entregasse o ser humano a si mesmo, “o homem possuiria propriamente apenas o poder de fazer o mal, a mentira e o pecado”.<sup>56</sup> Após a queda o ser humano não tem condições de por si mesmo se reerguer, é preciso um ato da graça divina no homem para que ele consiga fazer o bem.

#### *A conversão, livre-arbítrio e liberdade*

A conversão tem o poder de conduzir o livre arbítrio ao novo sistema religioso que o convertido aceitou. A força da conversão é tão forte que faz com que o indivíduo tenha condições de não mais se sujeitar aos ditames do livre arbítrio.

Segundo as Escrituras cristãs, Deus opera de modo tão poderoso no coração humano a tal ponto de fazer com que ele decida com sua própria vontade voltar-se ao criador. Não há uma invasão da parte Deus no interior do ser humano, mas sim uma doce presença divina levando a um convencimento cada vez mais forte da necessidade de Deus e do abandono do pecado.

---

<sup>53</sup> Étienne Gilson. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**, p. 284.

<sup>54</sup> Étienne Gilson. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**, p. 285ss.

<sup>55</sup> Étienne Gilson. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**, p. 288.

<sup>56</sup> Étienne Gilson. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**, p. 288.



O ser humano rende sua vontade à vontade divina e isto não é feito de modo a que o próprio ser humano não queira. “Ora, o poder de fazer o que escolhemos fazer é mais do que livre-arbítrio, é a liberdade”.<sup>57</sup> Este poder de fazer o que quer, ou seja, o bem, é dado por Deus na conversão, ou dito de outra maneira vem com a conversão, isto significa que quem confere liberdade ao ser humano é somente Deus.

Agostinho tem uma frase que sintetiza a ideia de liberdade “dá-me o que tu exiges, e exijas o que tu queres”.<sup>58</sup> No entanto, é sabido que “não podemos oferecer a Deus o que ele exige a não ser que ele o tenha previamente dado”.<sup>59</sup> Deste modo “a graça pode ser definida: o que confere à vontade seja a força para querer o bem, seja para realizá-lo”.<sup>60</sup>

Pode-se argumentar então que Deus cria robô para fazer o bem, na verdade o ser humano não passa a ser um robô com a ação da graça divina. “Quando Deus dá à vontade o querer e a ajuda a fazer o que ele comanda (...) Deus vem em ajuda do homem que age, não para dispensá-lo de agir, mas para permiti-lo; assim, é necessário que, mesmo sob pressão vitoriosa da graça, o livre-arbítrio esteja sempre presente”.<sup>61</sup>

A vontade humana não se dissipa com a ação da graça, que nasceu na conversão, pelo contrário, a vontade humana conserva seu livre-arbítrio, ela alcança a liberdade, ou seja, ela se torna propriamente livre-arbítrio.<sup>62</sup>

Gilson pergunta qual é o efeito produzido pela graça sobre a liberdade. A resposta ele mesmo dá, a graça “substitui na liberdade deleitação do mal pela do bem. Ao contrário, a lei, irrealizável pela vontade do homem decaído, torna-se ao contrário objeto de amor e de deleite para o homem em estado de graça”.<sup>63</sup> Ou seja, o ser humano agora em estado de graça passa a ter prazer naquilo que antes rejeitava.

---

<sup>57</sup> Étienne Gilson. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**, p. 299.

<sup>58</sup> Étienne Gilson. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**, p. 302.

<sup>59</sup> Étienne Gilson. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**, p. 304.

<sup>60</sup> Étienne Gilson. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**, p. 303.

<sup>61</sup> Étienne Gilson. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**, p. 305.

<sup>62</sup> Étienne Gilson. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**, p. 305.

<sup>63</sup> Étienne Gilson. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**, p. 306.

O ser humano é verdadeiramente livre quando age de tal modo que o objeto de seu prazer seja a liberdade. “É preciso compreender que, agindo sobre a vontade, a graça não somente diz respeito ao livre-arbítrio, mas também lhe confere a liberdade. Com efeito, a liberdade (*libertas*) é apenas o bom uso do livre-arbítrio (*liberum arbitrium*)”.<sup>64</sup>

A ação da graça divina sobre o ser humano “longe de abolir a vontade, a graça refaz uma boa vontade, liberta-a; do livre-arbítrio, sempre intacto em sua essência, ela refaz uma liberdade”.<sup>65</sup>

É a graça divina que confere liberdade ao ser humano “Quanto mais a vontade se sujeita à graça, portanto, mais é sã, e quanto mais sã, tanto mais livre. Se supomos, por consequência, um livre-arbítrio que estivesse submetido somente a Deus, isso seria para ele a liberdade suprema”.<sup>66</sup>

## O PENSAMENTO FILOSÓFICO DE AGOSTINHO DEPOIS DA CONVERSÃO

### 1. Sua compreensão da verdade

Agostinho passa a entender que toda verdade provém de Deus, cita uma passagem bíblica para dizer isto e a passagem citada é quando o sogro de Moisés dá um conselho dizendo como deveria governar o povo: “Não conversava Deus com Moisés? E entretanto, esse homem, muito sábio e nada orgulhoso, recebeu de seu sogro – sendo este homem simples e estrangeiro – o conselho de reger e governar aquele povo tão numeroso (Ex 18,14-26). Aquele varão sabia que de qualquer pessoa de quem procedesse conselho verdadeiro, não viria dessa pessoa humana, mas sim daquele que é a Verdade, isto é, do Deus imutável”.<sup>67</sup>

Agostinho compara os bens desta vida com a verdade “Os outros bens desta vida tanto menos se deveriam chorar quanto mais os choramos; e tanto mais se deveriam chorar quanto

---

<sup>64</sup> Étienne Gilson. *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*, p. 308.

<sup>65</sup> Étienne Gilson. *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*, p. 311.

<sup>66</sup> Étienne Gilson. *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*, p. 312.

<sup>67</sup> Santo Agostinho. *A doutrina cristã: manual de exegese e formação cristã*. São Paulo: Paulus, 2002, p. 36.

menos os choramos. Mas Vós amastes a verdade, pelo que quem a pratica alcança a luz. Quero-a também praticar no meu coração, confessando-me a Vós, e, nos meus escritos, a um grande número de testemunhas”.<sup>68</sup>

Tendo em vista a defesa que Agostinho fazia da verdade, escreveu muito para que assim a verdade que ele próprio buscava se espalhasse para todos. Vejamos suas obras:

De modo geral, as obras de Agostinho dividem-se em três períodos.

*Primeiro período* (386-96). A primeira categoria neste período consiste em diálogos filosóficos: *Contra os Acadêmicos* 386, *A Vida Feliz* (386), *Da ordem* (386), *Da Imortalidade da Alma e Da Gramática* (387), *Da Grandeza da Alma* (387-88), *Da Música* (389-91), *Do Professor* (389), e *Do Livre Arbítrio* (FW, 388-95). O segundo grupo é composto de obras contra os maniqueus, tais como *Da Moral da Igreja Católica* (MCC) e *da Moral dos Maniqueus* (388), *Das Duas Almas* (TS, 391), e *Controvérsia Contra Fortunato, o Maniqueu* (392). Esta última categoria é composta de obras teológicas e exegéticas tais como: *Contra a Epístola de Maniqueu* (397), *Questões Diversas* (389-96), *Da Utilidade de Crer* (391), *Da Fé e do Símbolo* (383) e algumas *Cartas* (L) e *Sermões*.

*Segundo período* (396-411). Este grupo contém seus escritos antimaniqueístas posteriores, tais como: *Contra a Epístola do Maniqueu* (397), *Contra o Fausto, o Maniqueu* (AFM, 398) e *Da Natureza do Bem* (399). Em seguida, houve uns escritos eclesiásticos, tais como *Do Batismo* (400), *Contra a Epístola de Petiliano* (401) e *Da Unidade da Igreja* (405). Finalmente, houve algumas obras teológicas e exegéticas, tais como as famosas *Confissões* (C, 398-99), *Da Trindade* (T, 400-416), *De Gênesis Segundo o Sentido Literal* (400-415), *Da Doutrina Cristã I-III* (CD, 387). *Cartas*, *Sermões* e *Discursos sobre Salmos* também forma escritos durante este período.

*Terceiro período* (411-30). As obras no período final dos escritos de Agostinho eram, em grande medida, anti-pelagianas. As primeiras obras que escreveu contra os pelagianos foram: *Dos Méritos e da Remissão dos Pecados* (MRS, 411-12), *Do Espírito e da Letra* (SL, 412), *Da Natureza e da Graça* (415), *Da Correção dos Donatistas* (417), *Da Graça de Cristo e Do Pecado Original* (418), *Do Casamento e Da Concupiscência* (419-420), *Da Alma e Sua Origem* (SO, 419), *O Enquirídio* (E, 421) e *Contra Juliano* (dois livros, 421 e 429-30). O segundo grupo de escritos antipelagianos inclui: *Da Graça e do Livre Arbítrio* (GFW, 426), *Da Repreensão e da Graça* (426), *Da Predestinação dos Santos* (428-29), e *Da Dádiva da Perseverança* (428-29). As últimas grandes obras neste período são teológicas e exegéticas, incluindo aquela que

---

<sup>68</sup> Santo Agostinho. **Confissões**. X, i, 1.

talvez tenha sido a maior de todas: A Cidade de Deus, (CG, 413-26). Da Doutrina Cristã (CD, Livro IV, 426) e as Retratações (426-27) encaixam-se bem aqui, assim como um grande número de Cartas, Sermões e Discursos Sobre Salmos<sup>69</sup>.

A compreensão da verdade que Agostinho terá após sua conversão para pela fé e o uso da razão. Gilson explica o pensamento do bispo de Hipona dizendo que “o homem é à imagem de Deus por ser um pensamento que se enriquece progressivamente mais e mais da inteligência, graças ao exercício da razão”.<sup>70</sup>

De modo claro Étienne Gilson esclarece a relação da fé com a razão

Ninguém duvida que sem a fé o homem poderia conhecer, por exemplo, a verdade das matemáticas; trata-se apenas de saber se a razão pode remontar ao fundamento último da verdade delas e, conseqüentemente, alcançar a Sabedoria sem o socorro da fé; isso é o que o agostinianismo nega, sem que nada possa ser feito para atenuar essa negação, nem para ampliá-la para além do problema de que ele é a resposta.<sup>71</sup>

No pensamento de Agostinho não existe uma contradição ou dualismo entre fé e razão, na verdade há harmonia entre ambas. A razão é um auxílio para fé “aquele que crê, portanto, ainda não a encontrou plenamente; com efeito, a fé busca, mas é a inteligência que encontra...”.<sup>72</sup> Gilson complementa ao afirmar que “quando Agostinho fala de inteligência, sempre pensa no resultado de uma atividade racional à qual a fé abre o acesso, ou seja, na unidade indivisível que é ‘inteligência da fé’”.<sup>73</sup>

No livro A Grandeza da Alma XXIII,53 diz Agostinho: “... assim a razão seria como um olhar da mente (*mentis aspectus*), mas o raciocínio é a investigação da mente (*rationis inquisitio*), ou seja, um movimento do olhar da mente para o que é preciso olhar. Por isso, esta se destina a investigar, aquela, a ver”.<sup>74</sup>

---

<sup>69</sup> Walter A. Elwell. (Editor). **Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã**. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 32ss.

<sup>70</sup> Étienne Gilson. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**, p. 64ss.

<sup>71</sup> Étienne Gilson. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**, p. 75.

<sup>72</sup> Étienne Gilson. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**, p. 72.

<sup>73</sup> Étienne Gilson. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**, p. 81.

<sup>74</sup> Santo Agostinho, **Contra os acadêmicos, A ordem, A grandeza da alma, O mestre**, São Paulo: Paulus, 2008, p. 320. (Coleção patrística; 24)

Peter Brown afirma que “Separar a ‘fé’ e a ‘razão’, portanto, é contrário ao pensamento agostiniano, pois o que lhe interessava era acionar um processo: ‘purificar’, ‘curar’ a mente danificada. Ele nunca duvidou, nem por um momento, de que esse processo ocorria pela interação constante dos dois elementos: a fé, ‘*que obra através do amor*’, e a compreensão, ‘para que Ele possa ser conhecido com mais clareza e, assim, amado com mais fervor’”.<sup>75</sup>

O mestre interior. Étienne Gilson em seu livro oferece caminhos para melhor se entender a compreensão que o bispo de Hipona tinha da verdade. “Para tudo que aprendemos, temos apenas um mestre: a verdade interior que preside a alma, ou seja, o Cristo, virtude imutável e sabedoria eterna de Deus”.<sup>76</sup> É por meio desse mestre interior que se torna possível a comunhão dos homens em uma mesma verdade.<sup>77</sup>

## 2. A verdadeira sabedoria

Agostinho acredita que a verdadeira sabedoria está no Deus trino de quem podemos receber todo bem. Ele fala que Deus é aquele de quem podemos fruir e as demais coisas devemos utilizar. Com esta diferenciação das coisas Agostinho revela grande sabedoria de como se deve proceder neste mundo. Vejamos o que escreve o próprio bispo de Hipona sobre o tema:

Fruir é aderir a alguma coisa por amor a ela própria. E usar é orientar o objeto de que se faz uso para obter o objeto ao qual se ama, caso tal objeto mereça ser amado. A uso ilícito cabe, com maior propriedade, o nome de excesso ou abuso.

Suponhamos que somos peregrinos, que não podemos viver felizes a não ser em nossa pátria. Sentindo-nos miseráveis na peregrinação, suspiramos para que o infortúnio termine e possamos enfim voltar à pátria. Para isso, seriam necessários meios de condução, terrestre ou marítimo. Usando deles poderíamos chegar a casa, lá onde haveríamos de gozar. Contudo, se a amenidade do caminho, o passeio e a condução nos deleitam, a ponto de nos entregarmos à fruição dessas coisas que deveríamos apenas utilizar, acontecerá que não quereríamos terminar

---

<sup>75</sup> Peter Brown. **Santo Agostinho, uma biografia**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 346.

<sup>76</sup> Étienne Gilson. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**, p. 154.

<sup>77</sup> Étienne Gilson. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**, p. 155.

logo a viagem. Envolvidos em enganosa suavidade, estaríamos alienados da pátria, cuja doçura unicamente nos faria felizes de verdade.

É desse modo que peregrinamos para Deus nesta vida mortal (2Cor 5,6). Se queremos voltar à pátria, lá onde poderemos ser felizes, havemos de usar deste mundo, mas não fruirmos dele. Por meio das coisas criadas, contemplemos as invisíveis de Deus (Rm 1,20), isto é, por meio dos bens corporais e temporais, procuremos conseguir as realidades espirituais e eternas.<sup>78</sup>

Para Agostinho “O Pai, o Filho e o Espírito Santo, isto é, a própria Trindade, una e suprema realidade, é a única Coisa a ser fruída, bem comum de todos”.<sup>79</sup> E ainda em outro lugar “De tudo o que expusemos deduz-se que devemos gozar unicamente das coisas que são bens imutáveis e eternos. Das outras coisas devemos usar para poder conseguir o gozo daquelas”.<sup>80</sup>

Agostinho aponta Jesus Cristo encarnado como a sabedoria divina que veio até os seres humanos:

Ora, nós não conseguiríamos nos purificar se a própria sabedoria não se houvesse dignado adaptar-se à nossa tão pequena fraqueza carnal, para tornar-se modelo de vida, precisamente fazendo-se homem, visto sermos nós homens.

Mas ao passo que agimos sabiamente quando nos aproximamos da Sabedoria, ela, ao vir a nós, foi considerada, por homens soberbos, como realizadora de loucura. Enquanto nós nos fortificamos ao nos aproximar da Sabedoria, ela, ao se aproximar de nós, foi considerada como realizadora de ato de fraqueza. Contudo, o que é loucura de Deus é mais sábio do que os homens e o que é fraqueza de Deus é mais forte do que os homens (1Cor 1,25).

Eis por que a Sabedoria, sendo a pátria, fez-se também caminho para levar-nos à pátria.<sup>81</sup>

Nesta mesma direção Étienne Gilson afirma “O apóstolo Paulo escreveu que o Filho de Deus é precisamente a Sabedoria de Deus. Ora, o filho de Deus é Deus. Então, tínhamos razão de dizer que aquele que possui Deus, possui, por isso mesmo, a sabedoria e, conseqüentemente, também a beatitude”.<sup>82</sup>

---

<sup>78</sup> Santo Agostinho. **A doutrina cristã: manual de exegese e formação cristã**. São Paulo: Paulus, 2002, p. 44ss.

<sup>79</sup> Op. cit, **A doutrina cristã: manual de exegese e formação cristã**, p. 46.

<sup>80</sup> Op. cit, **A doutrina cristã: manual de exegese e formação cristã**, p. 58.

<sup>81</sup> Op. cit, **A doutrina cristã: manual de exegese e formação cristã**, p. 51.

<sup>82</sup> Étienne Gilson. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**, p. 22.

A sabedoria divina cura o homem. “ora, a Sabedoria divina não age de modo diferente quando cuida do homem. Apresentou-se em pessoa para curá-lo. Ela própria é o médico e ao mesmo tempo o remédio”.<sup>83</sup>

Peter Brown observa que a “exortação a amar a ‘sabedoria’ sempre fora expressa nesses termos fortemente religiosos. Não admira que, no século IV, tenha passado a funcionar, na cultura tradicional, como a cabeça-de-ponte da ideia de uma conversão religiosa, e até da conversão à vida monástica”.<sup>84</sup>

A verdadeira sabedoria consiste em ouvir a voz de Deus “Vede, eis aquilo que todos os filósofos buscaram durante toda a sua vida, mas nem uma só vez conseguiram capturar, abraçar, reter com firmeza. (...) Aquele que quiser ser sábio, um homem completo, deixai-o ouvir a voz de Deus”.<sup>85</sup>

*A sabedoria como a beatitude.* Étienne Gilson diz que “é fato capital para a compreensão do agostinianismo que a sabedoria, objeto da filosofia, sempre é confundida, por ele, com a beatitude”.<sup>86</sup> Ora, alcançar a sabedoria é tomar posse da vida feliz, a vida feliz por sua vez está em Deus somente.

Agostinho ensina que não se pode ser feliz enquanto se ama o que se pode perder, pois isso é viver em constante temor, o que é incompatível com a felicidade. Gilson explica que “somente Deus é permanente e independente de todo o resto, pois apenas ele é eterno. Aquele que tem Deus é, portanto, o único que teria a felicidade e também, por conseguinte, o desejo de Deus é a única via que conduz à beatitude”.<sup>87</sup>

Ora, a sabedoria implica a beatitude e a beatitude implica Deus, ou seja, ter a sabedoria é ser feliz e ser feliz é tomar posse de Deus. Ter Deus é fazer o que ele quer, viver

---

<sup>83</sup> Op. cit, **A doutrina cristã: manual de exegese e formação cristã**, p. 53.

<sup>84</sup> Peter Brown. **Santo Agostinho, uma biografia**. 6º ed. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 49.

<sup>85</sup> Op. cit, **Santo Agostinho, uma biografia**, p. 51.

<sup>86</sup> Étienne Gilson. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**. 2 ed. São Paulo: Paulus; Discurso Editorial, 2010, p. 17.

<sup>87</sup> Étienne Gilson. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**, p. 19.

bem e não ter o espírito impuro.<sup>88</sup> “Eis o que é possuir a sabedoria: apoderar-se de Deus pelo pensamento, isto é, gozar dele”.<sup>89</sup>

Étienne Gilson ainda enfatiza que “o bem cuja posse confere a beatitude deve ser tal que não possa mais ser perdido. Quem admitiria que a felicidade pudesse consistir num bem de que o sábio pudesse ser privado, não somente sem seu assentimento, mas ainda contra seu agrado? Isso seria dizer que tal bem não poderia ser da ordem humana. Por consequência, ele só pode ser o próprio Deus: a posse de Deus, eis a beatitude”.<sup>90</sup>

Para ser feliz é necessário possuir Deus. No entanto, como isso é possível? Étienne Gilson fala de dois caminhos, sendo o primeiro a especulação racional e o segundo a caridade. Gilson sintetiza: “Busquemos, então, como o homem se move na direção de Deus, bem supremo: de início, na ordem do conhecimento que mostra a ele Deus como um termo e, depois, na ordem da caridade, que somente ela permitirá possuir Deus”.<sup>91</sup>

Há a concepção de que se deve buscar o saber pelo saber, neste caso é a busca do conhecimento pelo prazer de conhecer. Há outro tipo de saber que busca a felicidade, este tipo de saber é o que Agostinho deseja. “Se, por um lado, o conhecimento humano, enquanto se ordena em direção à felicidade, é a filosofia, e se, por outro lado, a filosofia é o amor da sabedoria, então segue-se que a sabedoria é o conhecimento beatificador que a filosofia busca”.<sup>92</sup>

Mas o que seria a sabedoria? Em que consiste? Gilson responde dizendo que “Tal é precisamente a sabedoria: contemplação, não ação; voltada para o eterno, não para o temporal; comum a todos, não individual e possuída com avareza; que submete o indivíduo ao todo, e não que usa do todo tendo em vista o indivíduo”.<sup>93</sup>

---

<sup>88</sup> Étienne Gilson. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**, p. 20.

<sup>89</sup> Étienne Gilson. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**, p. 22.

<sup>90</sup> Étienne Gilson. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**, p. 24.

<sup>91</sup> Étienne Gilson. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**, p. 29.

<sup>92</sup> Étienne Gilson. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**, p. 224ss.

<sup>93</sup> Étienne Gilson. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**, p. 232.



No pensamento de Agostinho o saber tem um fim, este fim é o objeto da filosofia, que é a Sabedoria, esta Sabedoria é Deus que por sua vez é personificada na pessoa do Filho de Deus, do verbo encarnado, Jesus Cristo. Sendo assim, Jesus Cristo é a filosofia de Agostinho.

### 3. O valor das Escrituras

Após sua conversão, Agostinho passou a considerar as Escrituras, a Bíblia sua fonte mais confiável de toda a sua existência. Em seu sermão 279 a Bíblia é “a Grande Palavra de Deus, a sabedoria divina”.<sup>94</sup>

Agostinho fazia das Escrituras seu texto básico para sua meditação e preleção “Num único sermão, ele era capaz de se deslocar por toda a Bíblia, de Paulo ao Gênesis, ida e volta, passando pelos Salmos e empilhando um versículo sobre o outro. Esse método de exegese, com efeito, que envolvia criação de uma estrutura de ecos verbais ligando todas as partes da Bíblia, era particularmente apropriado para ensinar esse texto, até então desconhecido, a um público acostumado a decorar de ouvido”.<sup>95</sup>

Agostinho sentia o peso de ser um pregador das Escrituras “Nada me pode ser melhor nem mais doce do que fitar o tesouro Divino, sem ruído nem atropelo: é o que há de doce e bom. Ter que pregar, invectivar, admoestar, edificar, sentir-me responsável por cada um de vós, isto é um grande fardo, um ônus pesado para mim, um árduo esforço”.<sup>96</sup>

Agostinho chama as Escrituras de “a face de Deus”.<sup>97</sup>

Peter Brown observa a relação que Agostinho faz das Escrituras com a sabedoria “Não há dúvida de que, tal como Agostinho usava a Bíblia, ela era o combustível de um altoforno, pois, ao interpretar tantas de suas partes como uma alegoria, ele encontrava ali tudo o que sempre tinha valorizado em sua atividade intelectual – o trabalho árduo, a excitação da descoberta e a perspectiva de um movimento interminável na busca filosófica da Sabedoria”.<sup>98</sup>

---

<sup>94</sup> Op. cit, **Santo Agostinho, uma biografia**, p. 50, 313.

<sup>95</sup> Op. cit, **Santo Agostinho, uma biografia**, p. 315.

<sup>96</sup> Op. cit, **Santo Agostinho, uma biografia**, p. 316.

<sup>97</sup> Peter Brown. **Santo Agostinho, uma biografia**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 326.

<sup>98</sup> Peter Brown. **Santo Agostinho, uma biografia**, p. 326.

As Escrituras para Agostinho eram um oceano de profundidade, Peter Brown cita Agostinho “Pois tamanha é a profundidade das Escrituras cristãs que, tentasse eu estudá-las e a nada mais, da meninice à decrepita velhice, com o mais extremo vagar, o mais incansável zelo e talentos maiores do que os que possuo, continuaria a progredir na descoberta de seus tesouros (...)”<sup>99</sup>

O poder da Escritura para Agostinho era tão forte que “a Bíblia era nada menos do que a base de uma ‘cultura cristã’, uma *doctrina christina*”.<sup>100</sup> O bispo de Hipona entendia que estudar a Bíblia era tarefa árdua.<sup>101</sup> Para Agostinho as Escrituras contem a síntese do saber cristão.<sup>102</sup>

Agostinho sabia lidar com as palavras, foi preparado para ser habilidoso no falar, foi professor de retórica em Tagaste e Milão e tornou-se hábil na pregação. “A plateia só se identifica com o homem empolgado, e Agostinho se empolgava para ela: os anseios veemente de paz, medo e culpa eram emoções a que o público agostiniano reagia com gritos e gemidos”.<sup>103</sup>

## A contribuição de Agostinho para Reforma Protestante do século XVI

Agostinho influenciou de modo positivo a teologia católica e protestante. A Reforma foi um movimento de abrangência religiosa, política, econômica e filosófica. Alderi Souza de Matos no prefácio de livro escreveu as seguintes palavras sobre Agostinho:

Por causa da profundidade, coerência, criatividade e amplitude do seu pensamento, o teólogo norte-africano do quinto século marcou profundamente toda reflexão teológica posterior, das mais diversas correntes. Influenciou a própria tradição católica, ainda que a sua igreja tenha rejeitado certos aspectos da sua soteriologia. E afetou decisivamente a teologia protestante, a começar dos seus representantes mais destacados, Martinho Lutero e João Calvino. Este último chegou ao ponto de escrever

---

<sup>99</sup> Peter Brown. **Santo Agostinho, uma biografia**, p. 327.

<sup>100</sup> Peter Brown. **Santo Agostinho, uma biografia**, p. 327.

<sup>101</sup> Peter Brown. **Santo Agostinho, uma biografia**, p. 342.

<sup>102</sup> Peter Brown. **Santo Agostinho, uma biografia**, p. 380.

<sup>103</sup> Peter Brown. **Santo Agostinho, uma biografia**, p. 312. “Agostinho era capaz de manter sua platéia fascinada com esses temas. As pessoas identificavam-se com ele a tal ponto que chegavam a explodir em gritos súbitos de terror à menção da ira de Deus”. Peter Brown. **Santo Agostinho, uma biografia**. 6º ed. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 459.

em uma de suas obras: *Augustinus totus noster est* (Agostinho é todo nosso). Não seria um exagero dizer que a teologia protestante é essencialmente uma forma de agostinismo com adaptações.<sup>104</sup>

James Kiefer em seu texto *breve biografia de Agostinho de Hipona* diz algo semelhante ao que disse o professor Alderi de Souza:

A produção escrita de Agostinho foi vasta. As obras que conhecemos (e supomos que a maioria não chegou até nós) incluem cento e treze livros e tratados, mais de duzentas cartas e cerca de quinhentos sermões. Sua obra influenciou grandemente Lutero e Calvino, a ponto de oradores e escritores da Igreja Católica deixarem de citá-lo, para não serem suspeitos de tendências protestantes. (James Kiefer)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Agostinho é um gigante da fé cristã, um homem exemplar, filósofo, teólogo e religioso ativo e praticante. Depois de ter passado pelo maniqueísmo, platonismo, encontrou descanso e segurança nas palavras da verdadeira filosofia, ou seja, nas Escrituras.

Sua passagem pelo maniqueísmo lhe rendeu a expulsão de casa por sua mãe Mônica, a qual era uma fervorosa cristã e mulher de oração. Intercedia pela conversão do filho ao cristianismo. A expulsão de casa não afastou o afeto e respeito que nutria por sua mãe.

Agostinho recebeu grande influência de sua mãe e também de Ambrósio, admirável bispo de Milão. A conversão de Agostinho foi precedida por uma profunda crise, uma clara percepção de seu pecado e imundície inundou o mais íntimo do seu ser. Foi uma conversão verdadeira, real, transformadora e provocadora de mudanças no pensamento de Agostinho.

Pode-se dizer com toda certeza que o pensamento de Agostinho pode ser contado em antes e depois de sua conversão. Isso porque, a conversão religiosa tem esse poder transformador. Após a conversão o pensamento de Agostinho foi todo modelado pelas

---

<sup>104</sup> Franklin Ferreira. **Agostinho de A a Z**. São Paulo: Editora Vida, 2007, p. 13.

Escrituras cristãs. Isso não significa que ele abandonou o conhecimento filosófico, mas sim, que a Bíblia agora era sua maior autoridade.

Durante o tempo que passou como bispo de Hipona, Agostinho vai se empenhar em defender a fé cristã contra os erros dos donatistas e pelagianos. Sua ocupação maior com as Escrituras, fonte de toda sabedoria, verdade e filosofia.

A contribuição de Agostinho para o cristianismo é enorme, pois ele de fato influenciou de modo decisivo toda a tradição cristã, tanto católica quanto protestante. Muitas doutrinas cristãs estão alicerçadas nos ensinamentos de Agostinho, como por exemplo a doutrina da predestinação que mais tarde João Calvino ensinará nas Institutas e que depois dele outros teólogos irão aceitar e também ensinar esta doutrina como sendo inteiramente bíblica.

Confesso que é difícil distinguir o filósofo Agostinho do teólogo, pois quando ele faz filosofia não se dissocia da vida a piedade e quando faz teologia não desvincula essa prática de rigor intelectual recheado de sabedoria e perspicácia. Pode-se afirmar sem medo que toda teologia agostiniana está repleta de filosofia e que por sua vez a teologia norteia, dirige sua filosofia, isso porque seu referencial após a conversão é a Escritura.

Étienne Gilson coloca esta questão de Agostinho como teólogo e filósofo da seguinte maneira:

Portanto, jamais sabemos se santo Agostinho fala como teólogo ou como filósofo, se prova a existência de Deus ou se desenvolve uma teoria do conhecimento, se as verdades eternas das quais fala pertencem à ciência ou à moral, se expõe uma doutrina da sensação ou se são as consequências do pecado original; tudo se passa e se entrecruza tão bem que Agostinho não pode segurar um elo da corrente sem tomar para si a corrente inteira, e o historiador que, por sua vez, tenta examinar elo por elo, sofre consequentemente por violentá-la e, a cada ponto onde ela assinala um limite provisório, por quebrá-la.<sup>105</sup>

O que se nota nos escritos de Agostinho é que todo seu esforço filosófico tinha um objetivo, e este era Deus, o supremo bem. Ele faz uma distinção entre aquilo que se pode fruir e daquilo que se pode usar. “Fruir é fixar sua vontade numa coisa por amor a essa coisa. Usar

---

<sup>105</sup> Étienne Gilson. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**, p. 450.

é servir-se de uma coisa como um meio para obter outra. Portanto, frui-se, do que se considera como um fim; usa-se o que se considera apenas como um meio”.<sup>106</sup>

Evidentemente na filosofia de Agostinho frui-se somente de Deus “*solo Deo fruendum*”; deve-se fruir somente de Deus e simplesmente usar o resto com o intuito de fruir de Deus”.<sup>107</sup>

Somente após Agostinho encontrar a Escritura é que a filosofia passa a significar Sabedoria e a “Sabedoria devia sempre implicar a vida da graça, a aceitação daquilo que Deus dá aos humildes, que o aceitam, e a recusa aos soberbos, que almejam obter por si mesmos”.<sup>108</sup>

De modo que não existe agostinianismo “*sem essa pressuposição fundamental: a verdadeira filosofia pressupõe um ato de adesão à ordem sobrenatural, que libera a vontade da carne, pela graça, e o pensamento do ceticismo, pela revelação*”.<sup>109</sup>

Finalizo este trabalho dizendo que a conversão de Agostinho foi fundamental para que ele desenvolvesse sua filosofia e como diz Étienne Gilson “ele sempre se deixa guiar por uma experiência pessoal decisiva: a da sua própria conversão”.<sup>110</sup>

## BIBLIOGRAFIA

### Fontes primárias – obras de Agostinho

AGOSTINHO, Santo. **Solilóquios e Vida Feliz**. 2 ed. São Paulo: Paulus, 1998. (Patrística; 11).

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

AGOSTINHO, Santo. **A doutrina cristã: manual de exegese e formação cristã**. São Paulo: Paulus, 2002. (Patrística; 17).

---

<sup>106</sup> Étienne Gilson. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**, p. 315.

<sup>107</sup> Étienne Gilson. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**, p. 316.

<sup>108</sup> Étienne Gilson. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**, p. 447.

<sup>109</sup> Étienne Gilson. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**, p. 450.

<sup>110</sup> Étienne Gilson. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**, p. 456.

AGOSTINHO, Santo. **Contra os acadêmicos, A ordem, A grandeza da alma, O mestre.** São Paulo: Paulus, 2008. (Patrística; 24).

AGOSTINHO, Santo. **O Livre-arbítrio.** 6 ed. São Paulo: Paulus, 2011. (Patrística).

AGOSTINHO, Santo. **Cartas a Proba e a Juliana: direção espiritual.** São Paulo : Paulinas, 1987.

### Fontes secundárias

BROWN, Peter. **Santo Agostinho, uma biografia.** 6º ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

FERREIRA, Franklin. **Agostinho de A a Z.** São Paulo: Editora Vida, 2007.

LLOYD-JONES, D. Martin. **Conversões: psicológicas e espirituais.** São Paulo: PES.

PAULO, João II. **Carta Apostólica *Augustinum Hipponensem*.** (pelo 16º Centenário da conversão de Santo Agostinho), São Paulo: Loyola, 1987.

PIPER, John. **Teologia da Alegria: a plenitude da satisfação em Deus,** São Paulo: Shedd, 2001.

POSSÍDIO. **Vida de Santo Agostinho.** São Paulo: Paulus, 1997.

SIMPSON (W.). **St. Augustine's conversion.** Londres, 1930.

GILSON, Étienne. **Introdução ao estudo de santo Agostinho.** 2 ed. São Paulo: Discurso Editorial; Paulus, 2010.

ELWELL, Walter A. (Editor). **Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã.** São Paulo: Vida Nova, 2009.

Ubiracy Lucas Barbosa

Anápolis – GO – Brasil

Última revisão em 18/10/2012